

Revista Gepesvida

Edição Especial

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Número 13. Volume 5. 2019-2. ISBN: 2447-3545.



COMUNICAÇÃO DE ALUNOS COM TEA: ESTRATÉGIAS BASEADAS NAS DIFICULDADES DE PROFESSORAS

Renata Oliveira Crespo¹
Gabrielle Lenz da Silva²
Sígla Pimentel Höher Camargo³

RESUMO

O crescente aumento no número de diagnósticos de TEA e o avanço na legislação tornaram mais visíveis as demandas desta parcela da população. No âmbito educacional o maior obstáculo passa a ser a oferta de uma educação de qualidade dentro do sistema regular de ensino. A superação desta dificuldade passa pela qualificação docente e pelo desenvolvimento de estratégias que possam ser aplicadas na rotina escolar destes alunos. A proposta apresentada neste estudo contou com três etapas, contemplando entrevista, onde as professoras expuseram suas dúvidas, uma formação continuada para qualificar a prática docente e um questionário para avaliar o impacto da referida formação. A maioria das professoras passaram a adotar as estratégias propostas e apenas três relataram dificuldades com a implementação, o que sugere que ouvir as demandas das profissionais e realizar uma formação sobre as estratégias pode impactar positivamente a adoção das práticas no contexto escolar. Novas pesquisas devem ser realizadas para aprofundar as dificuldades na utilização destas estratégias em salas de aula com alunos com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do espectro do autismo. Inclusão. Comunicação.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. reecrespo@gmail.com

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. gabelenz@hotmail.com

³ Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. sigliahoher@yahoo.com.br

ABSTRACT

The increasing increase in the number of diagnoses of ASD and the advance in the legislation made the demands of this part of the population more visible. In education, the biggest obstacle is the provision of quality education within the regular education system. Overcoming this difficulty involves the qualification of teachers and the development of strategies that can be applied in the school routine of these students. The proposal presented in this study had three stages, including an interview, where the teachers expressed their doubts, a continuing education to qualify the teaching practice and a questionnaire to assess the impact of this education. Most of the teachers started to adopt the proposed strategies and only three reported difficulties with implementation, which suggests that listening to the demands of professionals and conducting training on strategies can positively impact the adoption of practices in the school context. Further research should be conducted to deepen the difficulties in using these strategies in classrooms with students with ASD.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Inclusion. Communication.

1. INTRODUÇÃO

Relatado pela primeira vez na década de 1940 o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) foi descrito por (KANNER , 1943), quando o autor apresentou o caso de onze crianças com solidão autística extrema, diferenciando estas crianças dos casos de esquizofrenia. No seu artigo, Kanner aborda as habilidades sociais das crianças, relata que das onze participantes da pesquisa, oito desenvolveram as habilidades de comunicação, no entanto, elas se limitavam a falar nomes ou pequenas canções (inclusive em língua estrangeira), sem estabelecer uma conversa com outra pessoa.

Após quase oito décadas, o diagnóstico de TEA sofreu muitas alterações e, atualmente, o DSM-V descreve o autismo como um transtorno de neurodesenvolvimento que pode afetar duas áreas do desenvolvimento, o comportamento e a comunicação/interação social e o grau de comprometimento em cada área pode variar para cada indivíduo (APA, 2014).

Atualmente não é possível confirmar a etiologia do TEA e a teoria mais aceita é de que se trata de um transtorno de múltiplos fatores com influência genética e ambiental e para o qual ainda não há cura (LYALL et al., 2017). O tratamento é multidisciplinar e busca minimizar os déficits apresentados pela criança.

Revista Gepesvida

Na área de comunicação/interação social os déficits na reciprocidade socioemocional; na comunicação verbal e não-verbal e a dificuldade para iniciar e/ou manter relacionamentos são os principais critérios diagnósticos do TEA. (APA, 2014).

Orrú, (2012) aponta o desenvolvimento da linguagem e da comunicação como os maiores obstáculos da pessoa com TEA, pois poucos indivíduos com este transtorno desenvolvem as habilidades de conversação, mesmo nos casos em que a pessoa desenvolve as habilidades de fala. Crianças com fala ecológica ou fora do contexto, por exemplo, poderão apresentar dificuldade em comunicar-se com adultos e pares.

Dificuldades na comunicação são um obstáculo para que o aluno manifeste seus sentimentos e preocupações, podendo levar a comportamentos disruptivos e violentos, além de diminuir as possibilidades do aluno demonstrar a extensão dos seus conhecimentos acadêmicos (SMITH; RYNDAK, 2007).

O desenvolvimento destas habilidades interfere nas interações sociais das crianças com TEA, neste aspecto, as crianças com TEA podem ser divididas em três grupos: crianças distantes, que se isolam e geralmente rejeitam as relações com outras pessoas; crianças passivas, as quais não tomam iniciativa, porém aceitam as interações propostas pelos colegas e as crianças ativas, que tomam a iniciativa da interação, porém normalmente a fazem de maneira inapropriada (WHITMAN, 2015).

Crianças com desenvolvimento típico desenvolvem naturalmente estas habilidades ao longo da vida, porém crianças com TEA precisam de suporte nesta área para combater a solidão e participar plenamente do ambiente escolar, usufruindo de todos os benefícios destas relações.

Na área da comunicação, crianças com TEA podem apresentar dificuldade tanto na comunicação verbal quanto não-verbal, com déficits na expressão e na compreensão das comunicações, o que limita suas manifestações a pedidos e rejeições (a objetos e atividades), demonstrando a importância de desenvolver capacidades como a atenção compartilhada, para que a criança com TEA possa, por exemplo, compartilhar experiências com os pares.

A inclusão de crianças com TEA na rede regular de ensino já é um obstáculo amplamente superado pela legislação brasileira. As leis 12.764/12 e 13.146/15 reconhecem os direitos das pessoas com TEA a frequentarem a escola regular e são um

Revista Gepesvida

importante avanço no processo de inclusão destas crianças na escola (BRASIL, 2012, 2015).

Atualmente o maior desafio é oferecer aos alunos com TEA uma educação de qualidade, para isso é fundamental que se perceba que a inclusão não é apenas para o aluno com TEA, a inclusão é um processo para todos e do qual todos se beneficiam. Dentro desta perspectiva não cabe ao aluno se adaptar à escola e sim a escola que deve adaptar-se as particularidades de cada aluno, permitindo que todos possam usufruir plenamente de todas as possibilidades que a escola oferece (MANTOAN, 2017).

Para superar os desafios enfrentados pelas crianças com TEA é fundamental que os professores estejam capacitados para utilizar estratégias que se mostrem efetivas com estas crianças, por isso a importância de adotar Práticas Baseadas em Evidências (PBE). Segundo (NUNES; SCHMIDT, 2019), a implementação destas práticas já são demandas de países como Estados Unidos, Austrália e Inglaterra. No Brasil, no entanto, ainda não há esta regulamentação por parte do poder público.

Além da falta de regulamentação, as PBE's encontram outros obstáculos para serem adotadas no sistema regular de ensino brasileiro: a capacitação docente inadequada e a dificuldade em adaptar os modelos desenvolvidos ao contexto escolar (NUNES; SCHMIDT, 2019). Indo ao encontro das lacunas identificadas pelos autores, este estudo teve como objetivo uma proposta de qualificação docente, desenvolvida a partir das demandas relatadas pelas próprias professoras, que originaram uma cartilha e uma formação com estratégias para alunos com TEA seguidas de um questionário sobre o uso e os obstáculos na implementação das referidas estratégias. Esta proposta encontra respaldo em Menezes e Cruz, (2013) que relatam a importância de formação ser pensada com o professor e não para ele, partindo de um aluno real e não do aluno abstrato.

2. METODOLOGIA

Este estudo foi realizado em três etapas. Na primeira etapa foram entrevistadas dezenove professoras da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas/RS. Estas docentes tinham alunos com TEA nas suas turmas de educação infantil e/ou anos iniciais. A definição das participantes do estudo deu-se através de sorteio das escolas, contemplando as cinco grandes regiões da cidade. Após o sorteio das escolas, as

Revista Gepesvida

respectivas equipes diretivas encaminharam as professoras que trabalhavam com alunos com TEA. As professoras que manifestaram interesse em participar do estudo assinaram o termo de consentimento e foram entrevistadas. Através de entrevistas semiestruturadas, as professoras manifestavam suas dificuldades no processo de comunicação de alunos com TEA na turma, os dados coletados passaram pela análise de conteúdo proposta por (BARDIN, 1977). Após a análise das entrevistas foi elaborada uma cartilha com estratégias para superar os desafios de comunicação dos alunos em sala de aula, as estratégias foram apresentadas em uma formação de curta duração para todas as professoras de cada uma das escolas participantes, esta formação buscava contemplar as dificuldades relatadas por elas. A terceira etapa desta investigação foi a aplicação de um questionário anônimo sobre as estratégias propostas, este questionário foi entregue três meses após a formação para que as professoras pudessem aplicar as estratégias e avaliar o impacto das mesmas. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética e consentido pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto (Smed) da cidade de Pelotas/RS.

3. RESULTADOS

Na primeira etapa da pesquisa foram entrevistadas dezenove professoras, destas catorze relataram dificuldades com o desenvolvimento das habilidades de comunicação dos alunos com TEA, as professoras informaram dificuldade com alunos que não verbalizam, bem como alunos que verbalizam, mas não conseguem iniciar ou manter uma conversa.

Outra dificuldade relatada nas entrevistas foi a ecolalia, das dezenove professoras entrevistadas, três relataram dificuldades de comunicação por causa da fala ecológica dos alunos com TEA.

A partir destas dificuldades relatadas pelas professoras foi elaborada a cartilha com estratégias que pudessem ser utilizadas em sala de aula. Observou-se que das dezessete professoras que responderam o questionário, onze aplicaram as estratégias propostas e duas aplicaram apenas em parte. Dentre as onze que aplicaram as estratégias, apenas uma relatou alguma dificuldade em aplica-las, sem especificar quais foram as dificuldades. As duas professoras que aplicaram as estratégias em parte, relataram

dificuldades na aplicação, apenas uma detalhou a dificuldade, explicando que nem sempre o aluno queria se comunicar.

4. DISCUSSÃO

A primeira etapa da pesquisa já apresenta claramente a importância deste estudo, quando catorze das dezenove professoras entrevistadas relatam dificuldades com a comunicação dos alunos com TEA. Identifica-se uma importante barreira a ser superada para a inclusão destes alunos no ambiente escolar. Os relatos transcritos neste artigo demonstram o quanto é importante para os alunos superar estes obstáculos.

Na fala das professoras, foi possível identificar alunos passivos e ativos, ou seja, crianças que estão disponíveis para a comunicação/interação social com os pares e professores, porém precisam de suporte para sustentar esta relação.

A formação ofertada e a cartilha disponibilizada às professoras buscaram atender as demandas citadas pelas docentes, de maneira que sua construção foi pensada para impactar positivamente a prática docente dentro do contexto escolar da rede pública municipal da cidade de Pelotas. Estas buscam combater um dos obstáculos citados por Nunes; Schmidt, (2019) na implementação de práticas baseadas em evidência na sala de aula, pois segundo os autores, a dificuldade de aplicar as intervenções no contexto da sala de aula e a pouca formação dos professores são as principais dificuldades na implementação de PBE's no contexto escolar. Por isso a importância de buscar estratégias que já tenham sua eficácia comprovada em outros contextos.

Com o questionário aplicado após a formação foi possível observar que treze professoras aplicaram, pelo menos em parte, as estratégias propostas e apenas três relataram alguma dificuldade com a implementação do que foi proposto. Estes dados demonstram que a formação teve um impacto positivo na prática docente, permitindo que as professoras desenvolvam as habilidades sociais dos alunos com TEA.

Novos estudos devem ser realizados, investindo na formação docente, preferencialmente com carga horária maior, de modo que os professores possam aprofundar ainda mais os conhecimentos sobre TEA, bem como ter mais espaço de diálogo entre os professores com suas dúvidas e os pesquisadores, para que as práticas baseadas em evidência possam ser implementadas levando em consideração o contexto

Revista Gepesvida

escolar. Deve-se também dedicar maiores esforços à compreensão das dificuldades que os professores enfrentam, pois no questionário aplicado neste estudo não foi possível identificar estes obstáculos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de oferecer uma educação de qualidade aos alunos com TEA impõe a necessidade de complementar a formação docente nesta área. Esta investigação se propôs a ouvir os professores que trabalham com estes alunos para, a partir de suas demandas, construir estratégias para qualificar o trabalho docente.

A área de comunicação foi um dos desafios relatados pelos professores e as estratégias propostas incluíram o ensino incidental, a contextualização da fala ecológica, a simplificação das instruções e o auxílio de recursos para alunos que se comunicam de maneira não verbal.

As estratégias propostas foram utilizadas pela maioria das professoras, sendo que apenas três relataram dificuldades em adotá-las. Novos estudos devem abordar as dificuldades na implementação de práticas no contexto escolar e o seu impacto na comunicação dos alunos com TEA.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei Nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Brasília: D.O.U., 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm> Acesso em: 15 out. 2019.

BRASIL. Lei Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015. **Brasília: D.O.U., 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm> Acesso em: 16 out. 2019.**

KANNER, L. **Les troubles autistiques du contact affectif**. *Nervous child*, v. 2, p.

Revista Gepesvida

217-250, 1943.

LYALL, K.; CROEN, L.; DANIELS, J.; FALLIN, M. D.; LADD-ACOSTA, C.; LEE, B. K.; PARK, B. Y.; SNYDER, M. W.; SCHENDEL, D.; VOLK, H.; WINDHAM, G. C. NEWSCHAFFER, C. The changing epidemiology of autism spectrum disorders. **Annual Review of Public Health**, v. 38, p. 81-102, 2017.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições.** **Inclusão Social**, v. 10, n. 2, p. 37-47, 2017.

MENEZES, A.; CRUZ, G. C. Estratégias de formação de professores para a inclusão escolar de alunos com autismo. In: _____. **Estratégias educacionais diferenciadas para alunos com necessidades especiais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p.127-142.

NUNES, D. R. SCHMIDT, C. Educação Especial e Autismo: das práticas baseadas em evidências à escola. São Paulo: **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 173, p. 84-104, jul./set. 2019.

ORRÚ, S. E. **Autismo, Linguagem e Educação.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

SMITH, M. A.; RYNDAK, D. L. Estratégias práticas para a comunicação com todos os alunos. In: _____. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Artmed, 1999. p.110 -128.

WHITMAN, T. L. **O Desenvolvimento do Autismo:** social, cognitivo, linguístico sensorio-motor e perspectivas biológicas. São Paulo: M. Books do Brasil, 2015.

Data da submissão: 17-08-2019
Data da aceitação: 16-12-2019